

## O ENGENHEIRO E O POETA

### RESUMO

*Este artigo trata da mais recente tendência na área do magistério: cooperação mútua entre as várias dimensões do conhecimento, relativas ao campo tecnológico e de humanidades, na tentativa de expandir a informação em favor de uma compreensão universal e uma melhora na condição de vida em sociedade.*

### ABSTRACT

*This article deals with the newest tendency in teaching field- mutual cooperation among knowledge branches, both Human and Technological ones, trying to expand information in favor of a universal comprehension and a better life condition in society.*

Há vinte anos, quando o mundo foi tomado de assalto pela radicalização do Saber Especializado, era praticamente inconcebível tentar uma embricação científica entre a visão de mundo de um profissional da Engenharia e as dimensões supra-reais, metafóricas de um Poeta. Estava, pois, extra-oficialmente declarada, a guerra fria entre as duas formas de Cultura. No entanto, com o início da derradeira década deste século, as exigências da globalização, do Estado neoliberal e a cobrança de uma polivalência, verticalizada, com relação ao novo perfil do especialista, levaram o

mundo a repensar a atitude didático-pedagógica que investia pesado no cerceamento do Saber dentro de uma determinada área do Conhecimento.

Audácia das mais descabidas seria, nos longínquos anos 70, a decisão corajosa, digamos temerária, de um professor do Curso de engenharia em lançar mão, eventualmente, de um texto literário em forma de poema, para clarificar ângulo específico de sua matéria. Esse gesto, de grande lucidez e sensibilidade, correria, no mínimo, o risco de ser taxado de inconseqüente ou ainda maliciosa "enrolação", por parte do mestre

**Francilda Costa**

---

*Profª da Universidade de  
Fortaleza, Especialista  
em Tecnologia  
Educativa.*

que viesse a envidá-lo. Hoje, a mesma estratégia teria chances de desencadear o efeito do ferro aquecido: tornaria mais flexível e moldável o convívio com a aridez inerente às operações de cálculo e quebraria a rigidez da aplicação das fórmulas no manuseio das tabelas.

A Literatura Brasileira Contemporânea coloca à disposição do professor-engenheiro, um poeta cuja palavra tem a textura do concreto armado, reforçado pela têmpera do ferro com liga de carbono, em pequena quantidade, ou seja, o aço, que tem a propriedade de ser infenso aos agentes corrosivos ambientais.

João Cabral de Melo Neto, o poeta-engenheiro, é o autor a quem nos referimos. Sua poética é lavrada e esculpida dentro de um rigor formal, dono que é de uma expressão disciplinada, seca, predominantemente artesanal (arte útil) e objetivista. A estrutura de seu verso é representativa de uma tendência crescente à geometrização. A incidência dos substantivos não adjetivados petrifica e molda os conceitos poemáticos. João Cabral de Melo Neto, em suma, constrói (70% de transpiração, 30% de inspiração). Senão vejamos:

*“Em certas tardes nós subíamos  
ao edifício. A cidade diária,  
como um jornal que todos liam,  
ganhava um pulmão de cimento e vidro.”*

*“( ... ) renegou dar a viver no claro e no aberto,  
onde vãos de abrir ele foi amurando,  
opacos de fechar; onde vidro, concreto;  
com confortos de matriz, outra vez feto.”*

Uma vez mobilizada a interpretação do poema, esta conduziria, admiravelmente, a meu ver, a um debate esclarecedor, interdisciplinar, sobre a delicada questão concernente aos princípios da função social da Engenharia, relegados e até mesmo inexistentes, nas unidades curriculares dos projetos acadêmicos puramente tecnicistas.

Abrir-se-ia, com a exploração das idéias do texto, em nível de trabalho interdisciplinar, um espaço novo na rotinização da aula expositiva normativa, técnica, dando azo a que se promovesse um exercício de conscientização do bônus e do ônus da profissão de engenheiro, em relação ao bem-estar do Homem e seu contexto urbano.

Entre tantos recursos oferecidos por milhares de textos, os mais diversificados, citaríamos os versos simples, despretensiosos, de uma marchinha carnavalesca composta por volta dos anos 40, falando das agruras e carências de um certo pedreiro Valdemar:

*“ Você conhece o pedreiro Valdemar?  
Não conhece? Pois eu vou lhe apresentar.  
De madrugada toma o trem da circular.  
Faz tanta casa e não tem casa pra morar.”*

A decodificação desta mensagem em muito ajudaria, também, a compreensão da problemática vivida na política que preside as relações humanas na “colméia” de uma obra, onde convivem abelhas-rainhas e obreiras, e onde se respira um ar aparentemente harmônico, de cooperação, via de regra desmascarado pelo desperdício, falta de lisura e profissionalismo, acidentes de trabalho, desobediência às normas legais trabalhistas, por parte de uns e outros, explorados e exploradores, estes últimos lucrando exorbitantemente com a força de trabalho dos demais.

Engenheiros não podem se considerar isentos da obrigação de uma visão crítica relativa a uma sociedade com privilégios gritantes para os que trabalham com a caneta e só imposições para os que trabalham com as mãos, como afirmou Paulo Freire, enquanto, na verdade, empresários, engenheiros, proprietários e peões, todos são trabalhadores a serviço do bem de todos.

Deduzimos, então, que um engenheiro dotado de visão futurista, integrado à nova ordem, basicamente preparado para enfrentar as oscilações bruscas de seu mercado de trabalho, não deve nem pode mais se ater tão-somente ao saber específico, fechar-se ao entendimento das premissas fundamentais da informação provinda de outras áreas, como por exemplo, distanciando-se das razões estéticas e espaciais da Arquitetura, das implicações políticas e econômicas da Sociologia, das teorias de preservação do meio-ambiente preconizadas pela Ecologia, enfim, varrendo do seu interesse as linhas mestras do humanismo.

Mais grave se torna este processo alienatório se, por livre e espontânea vontade ou necessidade financeira, esse engenheiro decide arvorar-se ao preenchimento da função de professor, educador. É mister, então, que

repense sua ótica profissional, enfrente a nova realidade, libertando-se, gradativamente, do medo injustificado de lidar com um saber mais eclético, apercebendo-se de que a Ciência só traz produtividade, avanço e progresso, se não se estratificar, estagnada, em prateleiras estanques, desprovida de uma visão universalizante. É preciso que ele passe a acreditar em que ninguém nasce engenheiro e sim torna-se engenheiro.

Voltemos a João Cabral de Melo Neto nos versos restantes de seu poema "O Engenheiro":

*"A luz, o sol, o ar livre  
envolvem o sonho do engenheiro.  
O engenheiro sonha coisas claras:  
superfícies, tênis, um copo de água.  
O lápis, o esquadro, o papel;  
O desenho, o projeto, o número:*

*O engenheiro pensa o mundo justo,  
Mundo que nenhum véu encobre.*

*A água, o vento, a claridade,  
De um lado o rio, no alto as nuvens,  
Situavam na natureza o edifício  
Crescendo de suas forças simples."*

Para os esotéricos, confinados no ar rarefeito de suas prisões caoticamente especializadas, fica a advertência do Poeta e de quem nele crê:

*"Um galo sozinho não tece uma manhã;  
ele precisará sempre de outros galos."*

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

COSTA, Francilda. **A Literatura como instrumento básico na estratégia didática**, Fortaleza : UNIFOR, 1997. 85p.